



**CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO**  
**Campus III – Guarabira**  
**Departamento de Geografia**  
**Curso de Licenciatura Plena em Geografia**

**MARIA DE FÁTIMA DA SILVA SOUSA**

**Linha de pesquisa:**  
**O Ensino de Geografia na Educação Fundamental e Médio**

**DA TEORIA À PRÁTICA: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO  
EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO**

Guarabira – PB  
2012

**MARIA DE FÁTIMA DA SILVA SOUSA**

**DA TEORIA À PRÁTICA: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO  
EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO**

Artigo produzido como requisito para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Geografia do Departamento de Geografia do Centro de Humanidades da UEPB. Sob a orientação da Professora Cléoma Maria Toscano Henriques.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

S719d	<p data-bbox="549 1527 975 1559">Sousa, Maria de Fátima da Silva</p> <p data-bbox="549 1576 1307 1709">Da teoria à prática: o estágio supervisionado como experiência e formação / Maria de Fátima da Silva Sousa. – Guarabira: UEPB, 2012. 27f.:il.; Color.</p> <p data-bbox="549 1727 1307 1794">Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba.</p> <p data-bbox="549 1827 1307 1895">“Orientação Prof. Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques”.</p> <p data-bbox="549 1944 1307 2011">1. Estágio Supervisionado      2. Geografia - Ensino 3. Metodologia                      I. Título.</p> <p data-bbox="1050 2045 1307 2074">22.ed. CDD 371.12</p>
-------	---

**MARIA DE FATIMA DA SILVA SOUSA**

**DA TEORIA À PRÁTICA: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO  
EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO**

Aprovado em 26 / 06 / 2012

BANCA EXAMINADORA

*Cléoma Maria Toscano Henriques*

---

Professora Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques  
Especialista em Análise Ambiental – UEPB  
Professora do departamento de Geografia- CH/UEPB  
(Orientadora)

*Mônica de Fátima Guedes de Oliveira*

---

Professora Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira  
Mestre em Educação- UFPB  
Professora do departamento de Educação- CH/UEPB  
(Examinadora)

*Maria Juliana Leopoldino Vilar*

---

Professora Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar  
Especialista em Análises Ambientais-UEPB  
Professora do departamento de Geografia- CH/UEPB  
(Examinadora)

GUARABIRA- PB  
2012

*Aos meus pais Alúcio e Maria,  
e aos meus familiares,  
que sempre estiveram presentes e fazem parte desta conquista.  
A eles, com imenso carinho, DEDICO.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, exemplo de amor e sabedoria, cujos seus ensinamentos nos estimulam e levaram a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais, Aluísio e Maria; as minhas irmãs, Paula e Cristina, minha família amada. Pelo carinho, pelas palavras de estímulo que não me deixaram abater e construíram o que sou.

A minha orientadora, professora Cléoma Maria Toscano Henriques, com quem ao longo deste estudo, pude construir e compartilhar ideias. Pelo incentivo e apoio.

Ao corpo docente do curso de Geografia da UEPB, Campus III, que ao longo do curso contribuíram para o acúmulo de conhecimento geográfico.

Aos componentes da minha banca examinadora, pelo prestígio e pelo prazer de compartilhar comigo este momento tão importante à minha formação acadêmica.

Aos amigos da turma 2008.1, em especial, Wandson, Valéria, Everson e Willame. Pela amizade, companheirismo, apoio e ajuda oferecida sempre que precisei.

As amigas Clarice, Yanna, Janaína e Yvanna, pela paciência e compreensão constantes. A elas muito obrigada.

Enfim, a todos que contribuíram para que eu chegasse à conclusão do curso. Por serem apoio e presença na minha vida. Muito obrigada.

*"O conhecimento torna a alma jovem e  
diminui a amargura da velhice.  
Colhe, pois, a sabedoria.  
Armazena suavidade para o amanhã".  
(Leonardo da Vinci)*

**043– GEOGRAFIA****TÍTULO:** DA TEORIA À PRÁTICA: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO.**LINHA DE PESQUISA:** Ensino de Geografia na Escola Fundamental e Médio**AUTORA:** MARIA DE FÁTIMA DA SILVA SOUSA.**ORIENTADORA:** Prof.<sup>a</sup> Cléoma Maria Toscano Henriques DG/CH/UEPB**EXAMINADORES:** Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira DE/CH/UEPB  
Maria Juliana Leopoldino Vilar DG/CH/UEPB**RESUMO**

O presente artigo apresenta um estudo pautado na vivência do estágio supervisionado, realizado no Centro Educacional Osmar de Aquino, Guarabira/ PB. Para conduzir este trabalho analisei a metodologia utilizada pelo professor de geografia da escola citada, assim, embasado nessas observações e em leituras de alguns autores, dentre os quais pode-se destacar: CALLAI (2005), LEAL ( S/D), VESENTINE (2008), entre outros, foi formulada a discussão abordada nesse artigo. Em um primeiro momento nos deparamos com a base teórica que nos remete as concepções sobre o ensino de Geografia e o tradicionalismo encontrado na didática dos profissionais que ensinam essa disciplina, posteriormente, a parte prática exemplifica como ocorre esse fato em sala de aula. Ciente das dificuldades encontradas no espaço escolar, o resultado que encontramos foi alunos desmotivados com metodologias que não correspondem com o esperado, e se tornam passivos do tradicionalismo “imposto” pela maioria das instituições.

**PALAVRAS CHAVE:** Estágio supervisionado, ensino de geografia, metodologia.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>9</b>
2.1	Estágio Supervisionado: Aliado no processo de formação do profissional.....	9
2.2	Breve abordagem sobre o estudo tradicional e crítico da Geografia.....	9
2.3	Os PCNs para o ensino de Geografia .....	11
2.4	Planejamento: “Instrumento no processo didático”.....	13
2.5	Metodologias e métodos de ensino para a geografia.....	14
<b>3</b>	<b>MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA.....</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>DA TEORIA À PRÁTICA: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO.....</b>	<b>17</b>
4.1	Análise do perfil da escola: Centro Educacional Osmar de Aquino.....	17
4.2	Análise das observações em sala de aula.....	19
4.3	Regência das aulas.....	22
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>26</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é um instrumento fundamental no processo de ensino/aprendizagem do educando, pois o leva a apreender conceitos didáticos importantes para seu futuro como educador de Geografia.

Assim, através das observações e intervenções em sala de aula podemos compreender o espaço social e físico que as instituições oferecem, além da capacitação e conhecimento adquiridos de forma prática. Desta forma, “o Estágio Supervisionado Curricular propicia aos acadêmicos o conhecimento da realidade profissional a partir da realização do projeto de intervenção pedagógica” (RIBEIRO e OLIVEIRA, 2009, p. 36).

Portanto, a importância do estágio supervisionado é incontestável e fundamental na formação do estudante de licenciatura, e se encontra presente nos componentes curriculares brasileiros desde 1930 (MACIEL e MENDES, 2010). Desta forma podemos compreender que, basicamente, essa disciplina possui a função de formar a identidade dos futuros professores em relação à prática docente.

Partindo desse pensamento, pode-se traçar como principal objetivo deste trabalho, conhecer a prática docente através do estágio supervisionado, tendo em vista a profissão de educador com foco nas metodologias utilizadas pelo mesmo em sala de aula.

Desta forma, para a elaboração e finalização deste artigo, foram feitas observações e intervenções na sala de aula do professor de Geografia, nível magistério, tomando como participantes ativos do estágio, as turmas do 1º e 2º ano noturno. Posteriormente, analisei alguns textos, no intuito de enriquecer as discussões abordadas em todo trabalho.

Diante dessa abordagem, entende-se a importância do estágio para os licenciados, pois com a convivência, o tempo nos coloca um desafio: Aumentar o interesse dos alunos para melhoria da aprendizagem. Essa é a maior recompensa que um educador pode ter, após o término do seu trabalho, a sensação do dever cumprido. E para tal fim, é necessária a elaboração de aulas mais dinâmicas, onde o professor seja um elo entre conhecimento e aluno, metodologias que encantem e insiram os alunos no seu ambiente social.

Nesse sentido, ao presenciarmos a rotina escolar, percebemos a necessidade de professores mais engajados pela causa “educar”. Onde as aulas nunca serão as mesmas e os alunos também não serão os mesmos, pois sempre haverá algo novo a ser desenvolvido, então metodologias dinâmicas e diferenciadas fazem a diferença no processo educativo.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Estágio Supervisionado: Aliado no processo de formação do profissional**

É notável a importância do estágio curricular supervisionado na formação acadêmica do aluno de licenciatura, uma vez que, a aproximação com a realidade e o contato direto com o alunado, se torna um meio de pressentir o que nos aguarda como educadores.

A medida que o estagiário se identifica com o processo de ensino/aprendizagem, consequentemente proverá bons resultados em sua carreira, ou seja, não terá objeções em atuar como professor. A vida docente é coberta de surpresas e a partir dos estágios em sala de aula podemos perceber se o que escolhemos é realmente o que queremos nos dedicar como profissionais, assim, o estágio surge como uma ponte entre teoria e prática.

Nessa concepção, Januário (2008), afirma que “O Estágio Supervisionado é o primeiro contato que o aluno-professor tem com seu futuro campo de atuação. Por meio da observação, da participação e da regência, o licenciando poderá refletir sobre e vislumbrar futuras ações pedagógicas” (JANUÁRIO, 2008. p.1). Então, podemos entender este processo como instrumento valioso para o crescimento profissional do indivíduo, já que está intimamente ligado a área de trabalho em que atuará futuramente.

### **2.2 Breve abordagem sobre o estudo tradicional e crítico da Geografia**

A geografia sempre esteve presente nas instituições de ensino com uma postura tradicional. Essa geografia, dita tradicional, “fundamenta-se principalmente no positivismo de Augusto Comte, marcada pelo caráter empírico de estudo, de modo que o cientista é um mero observador da realidade absoluta exposta pela natureza” (CONCEIÇÃO, S/D).

Com o passar do tempo, o modo tradicional de apresentar a geografia foi confrontado com um novo pensamento: A Geografia Crítica. Assim, a autora acima citada afirma que:

Uma renovação profunda na Geografia inicia-se com a corrente radical crítica. Os autores da Geografia Crítica inserem uma ampliação da análise geográfica, criticando a postura empirista e positivista da Geografia Tradicional e a manutenção das principais estruturas pela Geografia Pragmática. É correto afirmar que a partir do desenvolvimento desta corrente, a Geografia volta sua análise para o caráter político-ideológico do conteúdo geográfico ( CONCEIÇÃO, S/D. p.4).

A partir dessa nova geografia, se inicia uma nova fase no processo de ensino/aprendizagem educacional, pois busca-se um novo conceito que tem como objetivo analisar, além de descrever, ou seja, observar os conteúdos de forma crítica.

Santos (2011), afirma que, no início da década de 1980, a geografia crítica teve grande aceitação pelos professores do ensino fundamental e médio, porém em 1990, teve um abandono de suas ideias no ensino brasileiro, e a causa, provavelmente, foi o não domínio dos docentes pelo método do materialismo histórico. Contudo, o processo de ensino tem proposto um retorno a uma educação que mostre para o aluno a sua realidade, que o faça aprender com subsídio no seu cotidiano, e a corrente crítica garante essa possibilidade de elucidação da realidade pelo aluno, tornado as aulas mais atrativas.

Deste modo, a Geografia Crítica é a grande expressão de rompimento com a Geografia Tradicional, e esse “movimento de renovação da Geografia não surge apenas como o “momento” reformador da disciplina e da ciência em si, mas assume um importante papel transformador” (ALVES e SAHR, 2009. p. 53). Assim, as transformações são as principais características dessa nova corrente, pois busca o novo, com a proposta de interligar o conteúdo com a experiência do educando.

Nessa perspectiva, Vesentini (2008) afirma que a geografia crítica, ainda é embrionária, principalmente no ensino, porém é a geografia que os professores e geógrafos devem construir. O autor, ora citado, é grande defensor da geografia crítica, e busca esclarecer as qualidades desse processo de aprendizagem. Nesse sentido, o mesmo afirma que:

o conhecimento a ser alcançado no ensino, na perspectiva de uma geografia crítica, não se localiza no professor ou na ciência a ser "ensinada" ou vulgarizada, e sim no real, no meio em que aluno e professor estão situados e é fruto da praxis coletiva dos grupos sociais. ***Integrar o educando no meio significa deixá-lo descobrir que pode tornar-se sujeito na história.*** (VESENTINI, 2008. p. 14)

Logo, ao analisar as ideias dos autores supracitados, podemos concluir que essa geografia dita como renovadora, é um instrumento necessário na vida profissional dos docentes de geografia, pois busca integrar o aluno com o seu meio e tornar, assim, a aula mais dinâmica e atrativa. Sendo assim, este processo se refletirá de maneira positiva na conscientização de cada educando para um melhor desempenho em sala de aula e na vida.

### 2.3 Os PCNs para o ensino de Geografia

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998 (PCNs), “A Geografia é uma área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações”( PCNs, 1998. p. 26). Assim, podemos perceber a importância do ensino de geografia na assimilação dos acontecimentos mundiais para os educandos.

Ainda, de acordo com os PCNs, a relação professor/aluno é essencial para o acúmulo de conhecimento, principalmente, quando o professor valoriza a vivência do aluno, de forma a trazer a sua realidade para sala de aula. Dessa forma o aluno irá se interessar ainda mais pelo conteúdo abordado, uma vez que, se trata da sua realidade.

Nessa concepção, o professor deve buscar estratégias que motivem os alunos nas interpretações dos fenômenos estudados, assim, Moreira e Ulhôa (2009) afirmam que a cartografia com seus mapas, propõe uma das representações mais utilizadas no ensino de geografia, pois através desse conjunto de signos, permite uma percepção imediata do espaço representado. Portanto, ao utilizar outros meios de ligação entre a disciplina e o educando, torna-se mais viável e próxima a assimilação dos conteúdos abordados.

Nesse sentido, o ensino de Geografia tem o objetivo de:

Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da geografia na escola ( CALLAI, 2005 , p. 229).

Assim, pode-se perceber que a geografia vai muito além das paredes da escola, pois a mesma é ensinada para a vida. A autora supracitada ainda afirma que, é necessário aprender a pensar o espaço, e para tal deve-se primeiro aprender a ler o espaço, dessa forma poder-se-ia, desde as series iniciais, buscar um contato maior com a cartografia, para que o educando compreenda o espaço em que ele está inserido.

Deste modo, ao pensarmos no ensino, logo nos vem à mente o tipo de geografia que é utilizada em sala de aula, que por muitas vezes, ainda nos deparamos com a geografia tradicional. “Essa Geografia apresenta uma característica extremamente exaustiva, na medida em que se restringe a apresentar compêndios enumerativos, de forma descritiva e catalogada” (SANTOS, 2006, p.8). Então, o ensino desenvolveu-se e com ele a geografia tradicional

tornou-se ultrapassada, porém, continuou a ser aplicada por muitos profissionais que ainda não aceitam o moderno como meio de crescimento intelectual.

Continuar na prática pedagógica onde os livros didáticos são os únicos responsáveis pela educação, não será um meio de melhorar a mesma. Na nova Geografia, o cotidiano do aluno tem de ser levado em consideração e feito um elo com os conteúdos abordados nos referidos livros.

No atual processo educacional, o Ensino Médio nos remete a ideia de conclusão da educação básica. Porém, vai muito além da formação básica do educando, pois de acordo com os PCNs, o aluno deve estar apto a:

(...) comunicar-se e argumentar, deparar-se com problemas, compreendê-los e enfrentá-los, participar de um convívio social que lhes dê oportunidade de se realizarem como cidadãos, fazerem escolhas e proposições, tomarem gosto pelo conhecimento, aprenderem a aprender ( PCN, Ensino Médio. p.9).

Nesse sentido, nota-se a importância do Ensino Médio, que além da formação educacional também leva em consideração a formação de cidadãos. No entanto, apesar de estes serem os preceitos que norteiam os PCNs, muitas vezes, na realidade escolar não é esse o ensino propalado nas instituições.

No ensino de geografia, a questão principal é o espaço geográfico, ou seja, o seu dinamismo e as diferentes visões desse espaço. Onde de acordo com os PCNs, a Geografia enfatiza três competências: representação e comunicação; investigação e à compreensão e contextualização sociocultural.

Para atingir essas perspectivas do ensino da geografia, necessita-se de uma metodologia inovadora e que realmente introduza essas abordagens no intelecto dos educandos. Assim, a formação continuada é um meio de manter o professor atualizado nas moldagens atuais do ensino, pois o mesmo é o principal mediador no processo de ensino aprendizagem. De acordo com essa situação, os PCNs, afirmam que:

O que se deseja, afinal, são professores reflexivos e críticos, ou seja, professores com um conhecimento satisfatório das questões relacionadas ao ensino-aprendizagem e em contínuo processo de autoformação, além de autônomos e competentes para desenvolver o trabalho interdisciplinar (PCN, Ensino médio p.104).

Deste modo, o professor tem o papel de facilitador da aprendizagem, e com esta finalidade ser autocritico para rever suas adequações em sala de aula. O alunado espera do seu

educador muito mais que meros ensinamentos didáticos, todos necessitam de educadores amantes da profissão e que busquem novidades transformadoras.

#### **2.4 Planejamento: “Instrumento no processo didático”**

O planejamento é uma ferramenta essencial para construção de ideias, e sempre esteve presente no cotidiano, uma vez que, “todas as pessoas planejam suas ações desde as mais simples até as mais complexas, na tentativa de transformar e melhorar suas vidas ou as das pessoas que as rodeiam” (CASTRO, TUCUNDUVA e ARNS, 2008. p. 51). Assim, é muito importante o ato de planejar, principalmente, na vida escolar.

Os autores acima citados ainda afirmam que apesar da importância do planejamento didático, muitos professores ainda são negligentes na sua prática educativa e improvisam suas aulas, tendo como consequência a má formação do cidadão. Tendo em vista que, esse fato é corriqueiro entre muitos profissionais que “fazem educação”, onde, equivocados, acreditam serem os senhores do saber e que em um imprevisto, o principal prejudicado é o alunado.

Klosouski e Reali (2008), apontam três tipos de planejamento:

- Planejamento Escolar: é o planejamento geral da instituição escolar, que envolve o processo de refletir e decidir sobre a estrutura, a organização, o funcionamento e as propostas pedagógicas desta.
- Planejamento Curricular: o currículo é a ferramenta que orienta o trabalho do professor, no sentido de prever todas as atividades que o aluno deve realizar dentro de cada área do conhecimento.
- Planejamento de Ensino: tem como principal função garantir a coerência entre as atividades que o professor faz com seus alunos e, além disso, as aprendizagens que pretende proporcionar a eles. Então, pode-se dizer que a forma de planejar deve focar a relação entre o ensinar e o aprender.

Baseado nas informações acima citadas, podemos perceber a necessidade do planejamento em sala de aula, pois se torna indispensável para o bom andamento da mesma. Assim como o “planejar” é essencial, a avaliação também se faz necessária para descobrir se o conteúdo abordado realmente foi absorvido.

De acordo com Afonso e Agostinho (2005), a avaliação é a melhor maneira de verificar se os objetivos estão sendo alcançados, e deve ser uma preocupação constante na

realização das atividades pedagógicas, pois é através dela que nos inteiramos do andamento positivo ou negativo do processo docente e educativo.

Assim, o planejamento tem um papel fundamental na formação do alunado, tendo em vista que, a partir de uma boa aula com conteúdos interessantes e expostos de forma clara, a educação se desenvolve com maior rapidez e, conseqüentemente, a avaliação será concluída de forma positiva para o aluno e também para o educador.

## **2.5 Metodologias e métodos de ensino para a geografia**

A disciplina geografia a cada dia vem se tornando um desafio para seus defensores, pois com a evolução da tecnologia é sensato afirmar que o ensino se modificou e com isso a metodologia do professor deve acompanhar todo esse processo. Assim nos indagamos: O que seria necessário para inserir o aluno nessa nova conjuntura educacional?

Partindo dessa ideia, percebemos a necessidade por novos meios de transmitir o conhecimento geográfico. A propósito disso, temos alguns exemplos de metodologias em sala de aula:

exposição com ilustração, trabalhos em grupos, estudos dirigidos, tarefas individuais, pesquisas, experiências de campo, sócio dramas, painéis de discussão, debates, tribuna livre, exposição com demonstração, júri simulado, aulas expositivas, seminários, ensino individualizado. (LEAL, S/D. p. 5)

Assim, pode-se perceber a grande variedade de métodos que podem ser utilizados para o enriquecimento das aulas de geografia, onde torna o aluno mais participativo e inserido na aula. Portanto, sempre haverá a necessidade do professor em inovar, pois aulas diferenciadas colaboram no processo de aprendizagem.

O uso de recursos tecnológicos é de suma importância para o ensino de Geografia, pois poderá dinamizar as aulas, tornando-as mais interessantes. A propósito disso, podemos enfatizar que:

O uso das tecnologias no ensino de Geografia é relevante, na medida em que o professor tem a possibilidade de trabalhar conteúdos da disciplina de forma mais instigante e com melhores frutos. Para isso os professores precisam ser ativos, dinâmicos, porque a própria geografia é uma disciplina que se alimenta da atualização de informações, das mudanças nas relações sociais e destas com o espaço (SANTOS, et all. 2011. p.5).

Deste modo, a globalização e as novas tecnologias se tornam algo intrínseco na vivência do aluno, e trazem possibilidades de aprendizagem que saem da monotonia. Assim, o professor é um facilitador no processo de inserção desses novos meios na educação.

Vale salientar que ao ter conhecimento das teorias e métodos da geografia, “o professor constrói com seu aluno um ensino geográfico onde os educandos compreendem de forma mais ampla a realidade, interferindo de maneira positiva e propositiva” (MATIAS, 2008. p. 179). Deste modo, entende-se que é essencial o conjunto professor/aluno, pois juntos constroem um novo meio de transmitir e receber conhecimento.

Embasado nesse contexto, nota-se a importância do educador na sugestão de propostas metodológicas que além de atuar de maneira positiva no conteúdo, sirva para o crescimento pessoal do aluno. Pois na Geografia, o principal objetivo é tornar cidadãos críticos e aptos a desenvolver a teoria em prática na sociedade.

Landim Neto & Barbosa (2010) ressaltam que o professor deve ter muito mais que apenas domínio do conteúdo, o mesmo deve se colocar como sujeito transformador da realidade que a comunidade encontra-se inserida. Ou seja, o docente além de intermediário entre aluno e conhecimento, tem o papel de construir a aprendizagem baseado na realidade vivenciada no cotidiano do educando.

Nesse sentido, o professor deve ter conhecimento das melhores estratégias para levar à sala de aula um conteúdo da geografia que interaja com a realidade dos alunos. Essa ideia nos remete novamente ao tipo de metodologia que melhor se encaixe com o perfil da turma.

Porém, apesar de tanto se falar em procedimentos metodológicos inovadores, na maioria das escolas ainda “percebe-se uma série de conteúdos compartimentados, distanciados da realidade dos alunos e despreocupados com uma aprendizagem que promova o desenvolvimento cognitivo e que possibilite a apropriação dos conceitos e da linguagem geográfica” (SPEGIORIN, 2007. p. 41-42).

Em vista disso, muitas vezes a própria grade curricular leva os educadores a continuar transmitindo uma geografia tradicional e ultrapassada, sem abrir espaço para o novo. Mas os verdadeiros educadores não podem ficar alheios a essa realidade, e buscar mudar sem medo de errar. Pois os únicos prejudicados serão os educandos que continuarão alienados e sem perspectiva de crescimento autocrítico.

Novas e inovadoras metodologias sempre deverão estar presentes no cotidiano escolar, pois no mundo globalizado, a tecnologia e a informação estão à disposição de todos, nessa concepção, o alunado sempre estará “atenado” se tiver o professor como um verdadeiro facilitador da aprendizagem.

### 3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Inicialmente foi utilizado o estágio supervisionado, que realizou-se no Centro Educacional Osmar de Aquino, como fonte de observação e pesquisa. Nesse sentido, buscou-se evidenciar a vivência escolar e, assim, conhecer algumas problemáticas que circundam a realidade da educação brasileira, principalmente a postura do professor em sala de aula.

A partir das observações feitas no período de estágio, iniciou-se a leitura de alguns autores, e de acordo com os mesmos foram elaboradas análises sobre a prática educativa do professor de geografia. Posteriormente, no período de regência, o aluno/estagiário teve um contato maior com a turma avaliada e, assim, pôde conhecer, na prática, as atribuições da docência.

Em seguida, iniciou-se a discussão escrita no presente trabalho, onde confrontou-se as ideias de autores com a vivência no ambiente escolar. Logo, a rede mundial de computadores (internet), livros, revistas e a escola supracitada, se tornaram o alicerce para o embasamento teórico e científico de todo artigo.

Nessa perspectiva, a principal metodologia foi a vivência de estágio e o resgate bibliográfico, que se tornaram norteadores para conclusão das ideias citadas em todo texto. Ainda foram utilizados como material técnico de apoio os seguintes itens:

- Parte fotográfica, para demonstração da estrutura física da escola;
- Computadores e acessórios de informática.

Diante do exposto, se tornou possível a execução do trabalho de gabinete e, deste modo, concluir as considerações a cerca do estudo abordado no TCC.

## 4 DA TEORIA À PRÁTICA: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO

### 4.1 Análise do perfil da escola: Centro Educacional Osmar de Aquino

Um bom trabalho pedagógico não depende apenas da boa vontade, dedicação e participação dos profissionais envolvidos, é necessário também de um ambiente que propicie a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos alunos.

Sendo assim, para um bom funcionamento da escola, necessita-se de uma série de recursos materiais adequados e de profissionais capacitados. Desta forma, a partir de agora será abordado aspectos estruturais e pedagógicos que envolvem a escola pesquisada.

O Centro Educacional Osmar de Aquino (CEOA), localizado na Rua Luiz José de Oliveira, 215, Bairro Novo, Guarabira-PB, é uma escola de grande porte físico, que atende as necessidades estudantis de grande parte do alunado guarabirense, principalmente os que procuram um ensino em nível técnico para professor de educação infantil. É composta por onze salas de aula; uma sala de professores; uma sala de coordenadores e uma sala de arquivos; dois auditórios; uma biblioteca; um laboratório de informática, com dezessete computadores; uma cantina; uma secretaria e diretoria; três banheiros para alunos (masculino e feminino) e um para funcionários; além de um ginásio poliesportivo e rampas de acesso.



Foto 01: Sala dos professores do CEOA.  
Fonte: BARROS, Maria Valéria, 2011.



Foto 02: Laboratório de informática da escola.  
Fonte: BARROS, Maria Valéria, 2011.

Na escola as rampas tornam acessível à locomoção de alunos que possuem necessidades especiais ao prédio, aos auditórios e aos banheiros. Sendo assim, a escola busca implantar a questão da inclusão social. Outro item importante que se observou foi a presença de cestos de lixo com coleta seletiva, mostrando, desta forma, o interesse em conscientizar as pessoas que utilizam o ambiente escolar.



Foto 03: Cestos de lixo de coleta seletiva.  
Fonte: BARROS, Maria Valéria, 2011.

Na instituição é oferecido o ensino fundamental (6° ao 9° ano), Ensino médio regular (1° ao 3° ano) e o ensino médio técnico, magistério, (1° ao 4° ano). Possui a demanda de 1.303 (mil trezentos e três) alunos matriculados nos três turnos (manhã: 499, tarde: 449 e noite: 355); com vinte e dois professores por turno na instituição.

No prédio escolar, encontramos as salas em bom estado de conservação, porém as cadeiras são antigas; o ginásio encontra-se em bom estado; a limpeza na instituição prevalece, sem pichações nas paredes; possui uma biblioteca sem bibliotecário, há apenas uma secretária. No mais, o que podemos acrescentar, é que a escola é um ambiente espaçoso e favorável para que haja a aprendizagem.



Foto 04: Vista do pátio da escola.  
Fonte: BARROS, Maria Valéria, 2011.

Ao observar a estrutura física da escola notou-se que os banheiros possuíam algumas adaptações como, por exemplo, o alargamento das portas, garantindo aos alunos o direito de locomoção com maior independência. Também é notável o acesso com rampas na maioria dos espaços, permitindo acessibilidade àqueles que necessitam de locomoção.

A instituição é atendida por vinte e dois professores por turno; quinze funcionários; dois coordenadores, que atuam também como supervisores; uma psicóloga; um diretor e três diretores adjuntos. Dessa forma, a escola atende as necessidades educacionais e sociais do alunado com o objetivo de formar cidadãos preparados, pedagógico e socialmente.

#### **4.2 Análise das observações em sala de aula**

Em um segundo momento, após a caracterização da escola, iniciou-se o período de observações em sala de aula. As observações se iniciaram no dia 17 de março de 2011, dando início ao programa proposto pela professora supervisora Cléoma Toscano, que propõe, de início, dez observações em sala de aula.

Na primeira visita ao Centro Educacional Osmar de Aquino, foi solicitado ao diretor a assinatura do termo de compromisso, que por sua vez, o mesmo nos recebeu de maneira muito agradável e nos encaminhou a conhecer o professor de Geografia da escola. O professor Josimar dos Santos foi muito compreensivo e nos acolheu para observar suas aulas.

O diretor Gerson Batista, teve uma breve conversa de incentivo, onde nos apoiou e nos fez relatos sobre a vida docente, e nos sentimos muito bem acolhidos no ambiente escolar. Outro fator importante observado foi a limpeza da escola e a organização, pois todos os alunos se encontravam nas suas respectivas salas.

No dia 31 de março de 2011 foi feita a segunda visita a escola e a primeira observação em sala de aula. No 1º ano “A”, assistimos o 2º e 3º horário. De início houve uma apresentação do nosso grupo, explicando o motivo pelo qual estávamos lá. Em seguida, o professor deu início a aula, que teve como conteúdo uma breve revisão sobre a formação da Terra e sobre os agentes formadores ou modeladores do relevo (endógenos e exógenos).

A metodologia utilizada na aula foi totalmente explicativa com a utilização da lousa para anotações de pontos chaves sobre o conteúdo. No que se refere aos alunos, observou-se uma participação pouco expressiva, apesar dos questionamentos do professor, que, por sua vez, parecia ter domínio sobre o conteúdo.

Assim, percebesse que, além de domínio de conteúdo, o professor de geografia deve trazer para sala de aula inovações. Muitas vezes, aparatos tecnológicos ajudam no interesse dos alunos, ou até mesmo aulas práticas motivam a participação e o entendimento dos conteúdos. Além de ter conhecimento devem-se ter estratégias para o envolvimento dos alunos com o processo de ensino aprendizagem.

A segunda observação foi feita no dia 07 de abril de 2011, na sala do 2º ano “c”, no 3º e 4º horário. Os conteúdos abordados pelo professor foram: a divisão geoeconômica; a extensão territorial do Brasil; a estrutura geológica do Brasil e a formação das rochas brasileiras. Onde o mesmo utilizou como metodologia, uma aula expositiva, anotando pontos principais na lousa, e destacando partes da apostila que havia anteriormente entregue aos alunos.

O professor apresentou os conteúdos que serviriam como revisão para prova, e ao comentar sobre a divisão geoeconômica, fez questionamentos com os alunos e breve explanação sobre o conteúdo. Já sobre a extensão territorial do Brasil, o professor enfatizou os maiores países do mundo: Rússia, China, Canadá, EUA e Brasil. Outro conteúdo abordado foi os tipos de rochas em solos brasileiros: as magmáticas (ígneas); as metamórficas e as sedimentares. Algo que chama a atenção é que apesar de ser uma reapresentação dos conteúdos, os alunos pareciam desconhecer os temas abordados na aula, pois ao serem questionados pelo professor, não condiziam com o esperado do mesmo.

Logo, os alunos não estavam preparados para execução da prova. Então esse fato nos leva a indagação: “Será que se a metodologia tivesse sido diferenciada, os alunos teriam conhecimento do conteúdo?” Eis então a grande questão e o desafio dos educadores, pois além de preparar educandos, deve-se formar cidadãos.

No dia 12 de Maio realizou-se a terceira observação, e foi observado a primeira e segunda aula do 1º ano “E”, onde vinte alunos fizeram prova de recuperação. Posteriormente, fomos assistir a terceira e quarta aula no 2º ano “C”. Nesta turma todos os alunos fizeram a prova de recuperação, pois a nota iria compensar outra, que seria um trabalho que não houve tempo de ser feito durante o bimestre. Durante a aplicação da prova, alguns alunos divergiram com o professor sobre a questão 3, onde os alunos não aceitaram a forma como a questão foi formulada. No final, a questão foi anulada.

A quarta observação em sala de aula aconteceu no dia 26 de maio de 2011. Na sala do 1º ano “E” e do 2º ano “C”. Na primeira sala citada, foi observada a primeira e a segunda aula, onde o professor inicialmente fez a chamada e expôs as médias de todos os alunos. Em seguida o mesmo transcreveu na lousa um trabalho para os alunos que se encontravam com

nota abaixo da média, onde deveria ser desenhado os mapas políticos da África, Ásia, Europa e o mapa Mundi, para ser entregue no dia 02 de junho de 2011. O professor pediu que os alunos fizessem outro trabalho sobre Os Biomas Terrestres, que valeria como a segunda nota do segundo bimestre.

O conteúdo apresentado na sala do 1º ano “E” foi: As Camadas da Terra (atmosfera, hidrosfera, litosfera e biosfera). Com uma aula expositiva e explicativa, o professor tentou mostrar para seus alunos onde cada camada se encontrava e qual a importância de cada uma para a vida na Terra. Sendo os recursos utilizados uma apostila e a lousa, onde o professor anotava os pontos principais da aula. Assim, a aula tornou-se participativa e alguns alunos interagiram na aula, porém com pouca assiduidade. Essa interação não pode ser considerada como uma situação de toda a turma, pois nem todos apresentaram interesse no tema abordado.

Na sala do 2º ano “C”, foi observada a terceira e a quarta aula. A princípio o professor disse as notas dos alunos, e para aqueles que não atingiram a média desejada, pediu que desenhassem o mapa do Brasil com a Divisão Regional, o clima, a hidrografia e a vegetação, para ser entregue no dia 02 de junho de 2011. E como primeira nota do segundo bimestre, pediu que os alunos pesquisassem sobre os climas do Brasil.

Nessa turma a inquietação era grande por motivos de uma festa surpresa de aniversário que ocorreria na sala. Talvez, por isso que os alunos não conseguiam se concentrar no que o professor estava explicando. Sendo assim, os educandos não agiram com tanto entusiasmo a aula e não dispuseram muita atenção as palavras de orientação dos trabalhos. Por fim, o professor fez suas colocações sobre o trabalho e posteriormente liberou os alunos para que fosse feita a festa supracitada.

O resultado alcançado nas observações foi proveitoso, pois ao analisar as aulas de um professor de Geografia pudemos perceber a realidade que nos espera, e de acordo com as análises, avaliar o que poderá ser melhorado em futuras regências.

A princípio, o que nos chama a atenção é o professor. Pois o mesmo transpassa uma segurança sobre o conteúdo aplicado, porém alguns alunos reclamam muito da sua metodologia. Isso talvez ocorra por seu método não ser adequado para alunos de nível médio, onde os mesmos necessitam de um procedimento metodológico que detalhe os conteúdos.

O tradicionalismo está visível na metodologia do professor observado, onde a prioridade são aulas descritivas sem apelo ao novo. Em contrapartida, sabe-se que a geografia se modernizou e aulas monótonas desestimulam o alunado, e devido a essas modernizações devem-se ter novidades em sala para o crescimento da aprendizagem.

Em suma, apesar de poucas observações feitas, podemos concluir que o professor é a chave para a melhoria da educação, e quando as aulas se tornam diferenciadas, conseqüentemente tornam-se atrativas. Pois não basta ensinar o conteúdo, mas sim mostrar para que convém cada conteúdo. E a partir de então conquistar o aluno, pois não basta ser um professor, temos que ser educadores com amor e vocação para a arte de educar.

### **4.3 Regência das aulas**

A partir do tema proposto e exposto no projeto temático (Capitalismo) e das pesquisas feitas em livros e na rede mundial dos computadores (Internet), iniciou-se as intervenções. Vale salientar que com o projeto temático se tornou mais fácil a aplicação da aula, pois o conteúdo já estava subdividido em todo projeto. Assim, a primeira regência realizou-se no dia 18 de outubro de 2011, na sala do 1º ano “F”.

O conteúdo abordado foi o desenvolvimento do capitalismo, e o horário previsto era o 4º e o 5º, porém a professora do 3º hr. faltou, assim foi ministrado o 3º, 4º e 5º hrs. (8:00 às 9:30). A princípio, estava programado para utilizar DATASHOW, porém no momento da aula, o equipamento não pode ser utilizado por falta de uma extensão.

De acordo com os imprevistos, a aula teve prosseguimento com uma explanação sobre o tema para a turma. Encontravam-se presentes na sala apenas nove alunos e nos momentos oferecidos para a participação, pouco se notou assiduidade dos mesmos, demonstrando timidez na aula.

A metodologia utilizada foi expositiva, com anotações dos pontos chaves na lousa, como por exemplo: características do capitalismo; vantagens e desvantagens para a população; fases do capitalismo; entre outros. Estava previsto a apresentação do vídeo A Ilha das Flores, porém, como não havia o equipamento necessário para a exposição do mesmo, foi aplicado duas questões para os alunos. O resultado dessas perguntas foi satisfatório, mostrando a compreensão sobre o conteúdo. Logo após, realizou-se um jogo, na finalidade de dinamizar a aula.

Formaram-se dois grupos (A e B), e de acordo com os questionamentos, os mesmos respondiam simultaneamente. A dinâmica foi muito participativa e conclusiva na aula, com distribuição de brindes.

Ao término da regência, pode-se notar que os alunos mostram-se muito desmotivados e só aumentou o entusiasmo no momento da dinâmica, demonstrando participação e

compreensão do conteúdo. Por serem futuros professores de educação infantil a aula teve o objetivo de mostrar a Geografia de forma divertida, e não apenas descritiva, e assim, revelar uma metodologia diferenciada para suas futuras aulas.

A segunda regência se realizou na sala do 1º ano “E”, no dia 20 de outubro de 2011, no 1º e 2º hs (7:00 às 8:00). A aula iniciou-se com alguns minutos de atraso, devido aos alunos que demoraram a chegar. O conteúdo abordado foi o mesmo exposto no 1º ano “F”, com o aditivo do DATASHOW.

A aula foi expositiva, com a apresentação de slides para a dinamização da mesma. Houve uma participação expressiva de uma aluna, que se mostrou interessada no assunto e sempre complementava as colocações sobre o conteúdo, e com isso deixou a aula mais participativa, já que a mesma tinha conhecimento sobre fatos importantes das fases do capitalismo, e assim, instigou outros alunos a dialogarem sobre o conteúdo.

Devido, ao pouco tempo em sala, não foi possível apresentar o filme A Ilha das Flores e aplicar o jogo. Porém, a aula foi concluída com algumas questões sobre o capitalismo. Após avaliação dos questionários, pude perceber o pouco interesse dos alunos em escrever sobre o tema. Não se sentiram estimulados em descrever ou comentar sobre o conteúdo abordado, apesar das questões serem diretas e de fácil compreensão. Esse fato nos chama a atenção, e nos leva a fazer um comparativo com a intervenção do 1º “F”, onde a dinâmica foi muito mais proveitosa que o questionário escrito da sala do 1º “E”, demonstrando, assim, que a metodologia inovadora leva o educando a participar e interagir com mais veemência.

Por fim, ao analisar de forma geral as intervenções, percebe-se a necessidade do aluno/estagiário com o mundo prático da sala de aula, onde os alunos observados nem sempre estão aptos a sua didática, porém sempre haverá um “plano B” e uma forma diferenciada de transmitir conhecimentos. Basta tentar e pôr em prática a teoria adquirida na universidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado é essencial no desenvolvimento do aluno de licenciatura, pois através da vivência no cotidiano escolar, podemos conhecer a rotina que nos espera como futuros educadores de geografia, e assim, sentir a aproximação direta com a didática do professor e a receptividade do alunado diante dessas metodologias.

Durante esse processo, pôde-se notar a situação dos alunos da rede pública e também dos professores, tomando-os como fonte de conhecimento para não cometer os mesmos erros e crescer com suas experiências. Um exemplo que pode ser citado é a didática do professor, que apesar de utilizar um método tradicional, alguns alunos ainda defendem e preferem tal metodologia, porém não participam de forma ativa, algo que prejudica o decorrer da aula.

Em se tratando de procedimentos metodológicos, conclui-se que o planejamento é uma das melhores maneiras de se preparar para ministrar uma boa aula, pois o conhecimento dos conteúdos e uma metodologia inovadora são capazes de promover o interesse dos educandos. Assim, a prática educativa se reflete com êxito quando associada com uma didática que traga o entusiasmo e vontade de aprender. Desta forma, o professor é o principal mediador para que o alunado se identifique com a discussão debatida em sala.

Particularmente, o estágio no Centro Educacional Osmar de Aquino, foi importante à minha formação acadêmica, por que através do mesmo buscou-se compreender o que realmente acontece em sala de aula. A dinâmica da escola e, principalmente, a metodologia utilizada pelo professor observado, foram os principais focos do mencionado estágio, portanto através das análises feitas no ambiente escolar pude perceber erros frequentes a serem superados na sala de aula de Geografia.

Algo que não se pode deixar de enfatizar é a realidade da escola e dos educadores, que estão preparando futuros professores de educação infantil, e mesmo assim, ainda estão atrelados a mesma didática de sempre, com metodologias descritivas e sem a participação do alunado, onde a rotina cansativa não deve ser uma desculpa para “deixar as coisas como estão”. O professor mencionado no decorrer do trabalho, é provedor de conhecimento, pois nota-se um bom desempenho ao explicar o conteúdo, porém o que chamou atenção foi a utilização da mesma didática e a falta de inovações para uma sala de ensino médio.

As críticas são uma forma de mostrar o que se pode melhorar, por isso o presente artigo surge como uma oportunidade para aqueles que se identificam com a abordagem discutida no mesmo, e desse modo, procurar melhorar e reconhecer seus erros para substituí-

los por acertos. Quando observamos de fora, se torna fácil encontrar estratégias para se aperfeiçoar, assim, o estágio nos convém como um período preparatório para nossa profissão.

Empasses no cotidiano escolar sempre existirão, contudo, nestes pequenos tropeços, percebemos a importância do professor. O tipo de metodologia que envolva os alunos é fundamental nos momentos de interação com a turma, pois se faz necessário para um maior rendimento da mesma. Não obstante, a formação continuada é outro elemento imprescindível na vida do educador, uma vez que, educação se faz com dedicação e aprimoramento, e estes são fatores essenciais para a transformação e formação de cidadãos com senso crítico.

Para concluir, o estágio deve ser visto na formação do profissional como uma experiência indispensável na história acadêmica, pois, através da vivência, se absorve conhecimento necessário para o desenvolvimento da carreira de professor.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Manoel & AGOSTINHO, SIMÃO. Metodologia de Avaliação no Contexto Escolar. Republica de Angola: INID, 2005. 53 p.

ALVES, Ana Paula Aparecida Ferreira & SAHR, Cicilian Luiza Löwen. Geografia ensinada-Geografia vivida? Conceitos e abordagens para o ensino fundamental no Paraná. Florianópolis: Revista Discente Expressões Geográficas, nº 05, ano V, 2009. p. 49-60.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Cedes: Campinas, vol. 25, n. 66, 2005. p. 227-247.

CASTRO, Patricia Aparecida Pereira Penkal de; TUCUNDUVA, Cristiane Costa & ARNS, Elaine Mandelli. A importância do planejamento das aulas para a organização do trabalho do professor em sua prática docente. ATHENA • Revista Científica de Educação, v. 10, n. 10, 2008. p. 49-62.

CONCEIÇÃO, Edson José Miranda. Geografia: Discussão epistemológica e da prática educativa. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Pelotas, S/D. 11p.

JANUÁRIO, Gilberto. O estágio supervisionado e suas contribuições para a prática pedagógica do professor. . In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E INVESTIGAÇÕES DE/EM AULAS DE MATEMÁTICA, 2, 2008, Campinas. Anais: II SHIAM. Campinas: GdS/FE-Unicamp, 2008. v. único. p. 1-8.

Klosouski, Simone Scorsim & REALI, Klevi Mary. Planejamento de ensino como ferramenta básica do processo ensino-aprendizagem. UNICENTRO - Revista Eletrônica *Lato Sensu*, 5 ed., 2008. 8 p.

LANDIM NETO, Francisco Otávio & BARBOSA, Maria Edivani Silva. O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na Geografia escolar. Ceará: Geosaberes, v. 1, n. 2, 2010. p. 160-179.

LEAL, REGINA BARROS. Planejamento de ensino: peculiaridades significativas. Revista Iberoamericana de Educación (ISSN: 1681-5653). Fortaleza, Brasil.

MACIEL, Emanoela Moreira & MENDES, Bárbara Maria Macedo. O estágio supervisionado na formação inicial: Algumas considerações. UFPI, 2010. 9 p. Disponível em: [http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT\\_02\\_08\\_2010.pdf](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT_02_08_2010.pdf). Acesso em: 02 de novembro de 2011.

MATIAS, Vandeir Robson da Silva. ABORDAGEM TEÓRICA-METODOLÓGICA DA GEOGRAFIA ESCOLAR E COTIDIANO: elementos importantes no processo de ensino e aprendizagem. Uberlândia: Caminhos de geografia, revista on line, v. 9, n. 27, 2008. p. 175-183.

MOREIRA, Suely Aparecida Gomes & ULHÔA, Leonardo Moreira. Ensino em Geografia: Desafios à prática docente na atualidade. Uberlândia: Revista da Católica, v. 1, n. 2, 2009. p. 69-80.

NASCIMENTO, Felipe de Araújo & SILVA, Jullyana Karla da. Avaliação: o que é e qual sua importância? Goiânia: Enciclopédia Biosfera, n. 5, 2008. 8 p.

Parâmetros curriculares nacionais: geografia /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.156 p.

PCN. Ensino Médio. Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências Humanas e suas Tecnologias.

RIBEIRO, Reuvia de Oliveira & OLIVEIRA, Karla Annyelly Teixeira de. O Estágio Supervisionado de Geografia como Projeto de Intervenção Pedagógica. Goiás: OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.1, n.2, 2009. p.35-50.

SANTOS, André Moreira dos. O espaço geográfico. Florianópolis, 2006. 36 p.

SANTOS, Rafaela dos; LUMA, Luana Pereira; SANTOS, Maico Carvalho W.; NASCIMENTO, Michael R.L.; SANTOS, Nádia Lima dos; SANTOS, Paula Yonara Hora; SANTOS, Rosilene Augusta dos. Recursos Tecnológicos e o uso de oficina como prática pedagógica no ensino de Geografia. V Encontro Sergipano de Educação Básica-ESEB. UFSE. 2011. 13 p.

SANTOS, Ricardo Menezes. A geografia crítica em sala de aula: Reflexões a partir do ensino da questão agrária brasileira. Sergipe: V Colóquio Internacional: Educação e contemporaneidade, 2011. 15 p.

SPEGIORIN, Mônica de Toledo e Silva. Por outra Geografia escolar. (Tese de mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2007. 218 p.

VESENTINE, Jose Willian. Para uma geografia nova na escola. São Paulo: Editora do autor, 2008. 107 p.